

OS INTELLECTUAIS EM AÇÃO: A HISTÓRIA E A LITERATURA DOS HOMENS DE LETRAS NOS MEANDROS DO PODER EM MS 1978-1988CARLOS MAGNO MIERES AMARILHA ¹

A instituição do estado de Mato Grosso do Sul, no término da década de setenta do século XX, ao que tudo indica, foi uma estratégia da gestão do governo federal para assegurar a maioria dos votos no Colégio Eleitoral (eleição indireta que, na ocasião, garantiu a vitória do general João Batista Figueiredo) para a sustentação do regime militar. Nesse período, os governadores, os prefeitos das capitais, de algumas cidades fronteiriças e parte dos senadores eram nomeados (os chamados “biônicos”).²

Com a implantação do estado de Mato Grosso do Sul, por meio do governo militar, em 1977 e efetivado a partir do ano de 1979 (com a sigla MS), a recente unidade da República Federativa do Brasil tem a necessidade de incluir uma *história* com aspectos próprios.

Para projetar, encontrar e adotar o *Mato Grosso do Sul* como distinto, diferente, dessemelhante do *outro*, é necessário, indispensável, dar-lhe um rosto, uma feição, uma fisionomia, para que os moradores do estado de MS possam, assim, *identificar-se* de forma homogênea, única, particular e própria. Nesse sentido, os *homens de letras* também são chamados e invocados para instituir, estabelecer e definir o que faz parte e o que não faz parte de um todo chamado *Mato Grosso do Sul*.

É no interstício do processo de implantação do estado de Mato Grosso do Sul que os *homens de letras*, sócios da Academia de Letras e História de Campo Grande (ALH-CG, fundada em 1972) ampliam os seus poderes simbólicos e fundam, em 1978, o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul (IHG-MS) e a Academia Sul-Mato-Grossense de Letras (ASL).

O estado de Mato Grosso do Sul é relativamente novo, mas a sua *história* é considerada antiga, pelos integrantes do IHG-MS e da ASL, sendo que essas entidades publicam e divulgam obras inéditas, manuscritos esquecidos ou esgotados de cunho regional. O IHG-

¹ Professor de História Contemporânea da UEMS (Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul), do curso de História da unidade de Amambai-MS.

² Em Mato Grosso do Sul, os municípios considerados de área de segurança nacional eram nos anos de 1970: Amambai, Antonio João, Aral Moreira, Bela Vista, Caracol, Corumbá, Eldorado, Iguatemi, Ladário, Mundo Novo, Ponta Porã, Porto Murtinho, Três Lagoas e a capital Campo Grande. Neste período era o governador que nomeava os prefeitos desses municípios. Os senadores do novo estado foram todos da ARENA: Pedro Pedrossian (eleito em 1978), Antônio Mendes Canale (eleito em 1974, que, na divisão optou por MS) e Rachid Saldanha Derzi, indicado senador “biônico” em janeiro de 1979.

2

MS e ASL publicam inúmeras crônicas, artigos, ensaios, que constituem importantes informações da História de Mato Grosso *antigo* e do atual estado de Mato Grosso do Sul. Entretanto, o usuário dessas riquíssimas fontes deve realizar a sua leitura com muita cautela e precedida de uma crítica realista prévia, já que estão carregadas de ideologias e mitos, para engrandecer os “pioneiros”³ que ocuparam (re-ocuparam) as terras sul-mato-grossenses.

A *história* e a *literatura* publicadas em livros pelos sócios do IHG-MS e ASL que procura integrar territorial, regional e socialmente em *partes* sobre o estado de Mato Grosso do Sul. Para se obter essas *comunidades de sentimentos*⁴ que constituem as *identidades sul-mato-grossenses*, das quais são invocadas antigas tradições (reais ou inventadas), que são construídos por meio de ícones *históricos* e *literários* em que evidenciam os *sul-mato-grossenses* como valente, destemido, conquistador de terras para a coroa Portuguesa e depois para o Brasil além de exaltar fazendeiros que se afazendaram na região expulsando os índios de suas terras.

A *história* escrita e divulgada sobre o Estado de Mato Grosso do Sul pelos sócios do IHG-MS e da ASL apresenta um *sentido*, uma *forma* e um *conteúdo* do discurso dominante.

Mito, memória e identidade envolvem atividades de sentidos e de valores; portanto, de produção, de circulação e de consumo. São vitais à vida social e se constituem, também, como áreas de poder e de prestígio.

Os *homens de letras* de Mato Grosso do Sul constroem heróis, mitos, acontecimentos e fatos para serem cultuados, adorados, lembrados, idolatrados e amados. Portanto, tentam estabelecer uma *identidade* que deve ser *homenageada* e *homogeneizada* por todos os sul-mato-grossenses. Justificam, desse modo, a criação do estado de Mato Grosso do Sul, como que se fosse um anseio local, natural e sem traumas.

A História tem papel fundamental na formação de uma memória sul-mato-grossense. Essa função de estabelecer uma identidade própria é essencial na estrutura do poder. Portanto, os *homens de letras* também têm lugar de relevo na criação dos símbolos culturais “oficiais” sul-mato-grossenses, entre os quais destacam-se: Hino, Epônimo, Gentílico, Mitos, Literatura, Heróis e, principalmente, a História.

³ Os pioneiros são os indígenas que já habitavam as terras sul-mato-grossenses a milhares de anos. Mas os Homens de Letras publicam os fazendeiros como os “pioneiros” que chegaram e se apossaram de terras, afazendaram e com isso trazendo a “civilização”.

⁴ Autores como Benedict Anderson, Stuart Hall, Eric Hobsbawm, Pierre Bourdieu, Le Goff, Marilena Chaui, Manoel Luís Salgado Guimarães, (e muitos outros) tecem diferenciados argumentos sobre *comunidade imaginada*, *identidade*, *tradição*, *regional*, *memória* e *poder*. Como o texto completo é no máximo de 15 páginas, deixo evidente que os conceitos metodológicos e teóricos são de autores que indico nas referências bibliográficas.

3

Os estudos aqui ponderados sobre as articulações dos *homens de letras* nos meandros do poder e sobre as *representações* nos constructos culturais sul-mato-grossenses mostram que o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul e a Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, igualmente, tentam divulgar os interesses culturais, políticos e econômicos sul-mato-grossenses por meio do passado. A possibilidade de pertencer, como sócio, ao IHG-MS e à ASL, apresenta uma insígnia de *poder*, de *intelectualidade* e de *prestígio*.

Ao analisar parte das obras de Demóstenes Martins, Hildebrando Campestrini, João Barbosa Rodrigues, Paulo Coelho Machado, José Couto Vieira Pontes, Otávio Gonçalves Gomes, Elpídio Reis, entre outros sócios do IHG-MS e da ASL, percebe-se que esses autores expressam modos bastante peculiares de criação nos constructos culturais sobre as identidades sul-mato-grossenses. Cada um, em seu cenário particular, em suas escritas, privilegia a *história* e define quais os significados importantes no passado de MS.

Preocupado com o crescimento da jovem capital⁵ de MS, devido à chegada de muitos imigrantes, em 1980, o presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, Paulo Coelho Machado, na introdução do livro *A Poeira da Jornada*, de 1980, de Demosthenes Martins, lembra a importância da *história* para a sociedade sul-mato-grossense: “[...] a *heterogeneidade* da população de Mato Grosso do Sul, com as enormes massas de migrantes, tem *desfigurado* rapidamente a antiga comunidade, que não se dá conta dos *fatos do passado*” (MACHADO, 1980, grifos meus. *Apud*, Martins, 1980, p. 6). Neste ponto que entra o papel das entidades (IHG-MS e ADL) que tem como missão em produzir ícones que pudessem descongelar as memórias, as tradições culturais e principalmente a *História* dos antigos moradores do estado. Para Machado era inconcebível aceitar outras culturas dominando o *estilo* de vida dos sul-mato-grossenses.

Urge que os sul-mato-grossenses mais autênticos, *os verdadeiros Guaicuru*, como forma de reação, se concentrem nas suas tradições mais caras, nos acontecimentos, nos cultos maiores *de sua história*. Assistimos hoje, com pesar, ao autóctone imitar o alienígena nos costumes, no sotaque, adotando o folclore *estranho* e até a contração da preposição com o artigo para designar nosso estado: **no** Mato Grosso do Sul, **do** Mato Grosso do Sul, em lugar daquilo que sempre usamos aqui: **em** Mato grosso, **de** Mato Grosso. Pouco importa se as pessoas são daqui ou de fora, desde que amem a terra, que a façam crescer e *adotem nosso estilo de vida*. Os de fora é que se devem adaptar ao meio e se vincular às tradições locais, aquilo que já constitui nossa civilização. Tais fatos devem ser desarquivados de vez em vez e revelados aos que se empenham pelas coisas da cultura, daqueles que são

⁵ Campo Grande, em 1970, segundo o IBGE, somava uma população de 140.233 habitantes; em 1981, contava com 292 mil habitantes; já em 2000, a população atingia a cifra aproximada de 700 mil habitantes. Ou seja, a partir da década de 1970, a população duplicou, aproximadamente, a cada ciclo de 10 anos.

responsáveis pelo desenvolvimento do Estado, para que se mantenham vivos e atuais. (MACHADO. *Apud*, Martins, 1980, p. 6).

Com a criação do MS, aumenta também a chegada de imigrantes ao novo estado, os *homens de letras* do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul e da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras tentam reforçar a difusão da *história regional*, uma vez que há um empenho, por parte dos sócios dessas entidades, em construir ícones que representassem *os verdadeiros Guaicuru* e uma *tradição* em amor às terras sul-mato-grossenses.

O autor defende a divulgação e a publicação de uma *história* própria de Mato Grosso do Sul. Para Machado, “tais fatos devem ser desarquivados” pelos que se esforçam em valorizar a cultura sul-mato-grossense e devem ter o apoio dos dirigentes que comandam o poder do Estado, para que os acontecimentos realizados nos *cultos da história* “se mantenham vivos e atuais”. Em uma região fortalecida economicamente,⁶ cuja tradição estava para ser firmada, os *homens de letras* preocupam-se com *o imigrante que chega carregado de outra cultura*. Segundo o presidente do IHG-MS, o imigrante é que tem que adotar o “nosso estilo de vida” e, com isso, “se vincular às tradições locais, aquilo que já constitui nossa civilização”.

Com a instituição do *Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul* e da *Academia Sul-Mato-Grossense de Letras*, entidades essas, que foram imprescindíveis para a efetivação de uma memória oficial sul-mato-grossense. Observo as teias de relações do poder político, econômico e cultural, que se instituem nessas entidades para produzir pensamentos identitários em favorecimento de grupos ou pessoas para benefícios próprios, perpassando como se fosse de pertencimento de todos os sul-mato-grossenses.

As dificuldades em se escrever e publicar uma história e uma literatura de Mato Grosso do Sul são apontados pelo presidente da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras José Couto Vieira Pontes:

Assim, debuxados o meio, a fisionomia histórica e a paisagem sócio-cultural do sul de Mato Grosso, podemos começar a analisar a sua literatura, as influências por ela sofridas, as suas origens e os seus valores. Comenta o nosso historiador Demosthenes Martins que a atividade humana dominante no Sul de Mato Grosso,

⁶ Marisa Bittar pondera que o recente estado de Mato Grosso Sul, “[...] vocacionado para a agropecuária, segundo os documentos oficiais aqui referidos, tendo se dedicado, até a década de 1960, à pecuária extensiva, possuidor de um dos maiores rebanhos bovinos do país, o quarto em 1975, terceiro produtor de soja, e colocado entre os cinco maiores produtores de trigo e de arroz: tal era o perfil econômico do estado nascido a 11 de outubro de 1977” (BITTAR, 1997, 262).

desde os primórdios de seu desbravamento, capaz de modelar a feição do homem e detonar as primeiras manifestações sociais e psicológicas, foi a pecuária. **“O boi criava o homem, essa é a verdade”** – diz ele, com sua lucidez. – “Primeiro o couro, para a comercialização com o exterior, depois a carne”. Assim, numa sociedade de homens afeitos às duras e arriscadas lides do campo, **sujeitos aos constantes assédios dos índios e aos ataques dos bandoleiros**, dificilmente se desenvolveria, naqueles rudes tempos, alguma atividade cultural. (PONTES, 1982, p. 21, grifos meus).

Entre os obstáculos relatados pelo presidente da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, José Couto Vieira Pontes, está o fato de que o sul de Mato Grosso foi, inicialmente, dominado pela pecuária, ou seja, habitado por vaqueiros, pessoas rudes, homens “afeitos às duras e arriscadas lides do campo”. Com isso, impossibilitava-se aos “primeiros moradores” do sul de Mato Grosso desenvolver ocupações literárias e artísticas. As comunidades indígenas também eram consideradas como contratempo para que os sul-mato-grossenses pudessem progredir em atividades e manifestações culturais, já que os índios viviam atacando os fazendeiros, o que impedia o gosto pelas artes, pois tinham que se defender dos ataques belicosos dos *índios selvagens*, fazendo com que a preocupação dos *pioneiros* fosse a de defender suas terras.

Vale a pena ressaltar que os índios, de uma maneira geral (retratados pelos intelectuais do IHG-MS e da ASL), sempre foram considerados como um empecilho para o *progresso* e para a *civilização*, ao mesmo tempo em que (com o avanço da indústria do turismo, a partir dos anos oitenta do século XX) apresentam um “índio idealizado”, o *Guaicuru*, como sendo o epônimo de MS e silenciam completamente sobre outras etnias, além de não divulgar nada da presença afro-descendente na história de Mato Grosso do Sul (é como que se não existissem).

A *história* divulgada sobre o estado de Mato Grosso do Sul, segundo os sócios do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul e da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras são construída com dificuldades (de um modo em geral, os governos e prefeituras não investem em literatura até os meados dos anos de 1990); mesmo assim, os *homens de letras* conseguem organizar e publicar uma história do *passado glorioso* do estado de MS:

Segundo Hildebrando Campestrini, com a iniciada na gestão do presidente⁷ da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, Elpídio Reis e do presidente do Instituto Histórico e

⁷ Elpídio Reis foi presidente da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras no período de 1988 a 1997. Em *Pequeno histórico da Academia*, artigo de Hildebrando Campestrini, publicado na primeira revista da ASL, o autor destaca as principais realizações da entidade, bem como relata brevemente **os presidentes** efetivos e temporários da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras: “No dia 30 de outubro de 1971, **Ulysses Serra** fundou a Academia de Letras e História de Campo Grande [...] No ano seguinte, no dia 30 de junho, falecia Ulysses Serra [...] Assumia a direção da Academia o vice-presidente **José Couto Vieira Pontes** que, reeleito sucessivamente, esteve à frente dos destinos da Casa até outubro de 1982. [...]. De 1982 a 1985, foi presidente **Otávio Gonçalves Gomes**; sucedeu-o **J. Barbosa**

6

Geográfico de Mato Grosso do Sul, Paulo Coelho Machado foi possível a realização da *Série Historiográfica*, editada a partir de 1988, publicada pelo Tribunal de Justiça de Mato Grosso do Sul, num total de 14 livros, reunindo obras consideradas clássicas e de fundamental importância para a cultura sul-mato-grossense.

Em 1988, como contribuição maior à cultura sul-mato-grossense, surgiu a Série Historiográfica (com 14 títulos), publicada pelo Tribunal de Justiça, graças ao empenho do sócio Hildebrando Campestrini, que era diretor naquele órgão. Dessa coleção se destacam obras que atualmente são clássicas em nossa bibliografia: SEISCENTAS LÉGUAS A PÉ (de Acyr Vaz Guimarães, reeditada pela Biblioteca do Exército), CAMALOTES E GUAVERAIS (de Ulysses Serra), CANAÃ DO OESTE (de José de Melo e Silva), PELAS RUAS DE CAMPO GRANDE (1.º volume - A RUA VELHA; 2.º - A RUA PRINCIPAL; 3.º - A RUA BARÃO - de Paulo Coelho Machado, observando-se que o 4.º volume e 5.º foram editados posteriormente pela prefeitura municipal) e HISTÓRIA DE MATO GROSSO DO SUL (de Hildebrando Campestrini e Acyr Vaz Guimarães). CAMPESTRINI, 2003, p. 14).

Na introdução da obra de Acyr Vaz Magalhães, *Seiscentas léguas a pé: A Campanha do Apa*, publicado em 1988, o sócio do IHG-MS e da ASL, Hildebrando Campestrini, mostra a importância da *história* para a sociedade sul-mato-grossense, especialmente porque, na ocasião da Guerra do Paraguai, o território do estado de Mato Grosso do Sul foi ocupado pelas tropas paraguaias; por isso, o episódio mais considerável e heróico da guerra (a Retirada da Laguna) realizou-se em terras de Mato Grosso do Sul. Explica, ainda, o autor, que sempre houve, na *história* de MS, movimentos e fatos significativos, como a “Coluna Prestes” e a “Revolução Constitucionalista de 1932”. O autor defende que essa “tradição” tem que se tornar conhecida pelos habitantes do estado de MS; dessa maneira, apesar dos obstáculos, os sócios, tanto do IHG-MS como da ASL, empenham-se em divulgá-la por meio de publicações que privilegiam os *fatos épicos* ocorridos em Mato Grosso do Sul.

Rodrigues. Em 1988 foi eleito **Elpídio Reis**, que presidiu a Academia até 1997, quando faleceu, sendo substituído pelo vice-presidente **Arassuay Gomes de Castro**, que, por motivos de saúde, renunciou em 29 de janeiro de 1999. [...] Assumiu interinamente o secretário-geral, **Hildebrando Campestrini**, que convocou imediatamente novas eleições, tendo sido eleito, em 11 de fevereiro do mesmo ano, **José Pereira Lins**, que completou o mandato e foi reeleito, tendo renunciado em 13 de novembro de 2002, substituído pelo secretário-geral, Hildebrando Campestrini (o vice-presidente, Júlio Alfredo Guimarães, falecera), que reorganizou os serviços da Academia, convocou novas eleições e passou o cargo, no dia 30 de janeiro de 2003, ao novo presidente, **Francisco Leal de Queiroz**” (CAMPESTRINI, 2003, p. 13-14, grifos meus). Ver CAMPESTRINI. Pequeno histórico da Academia. *Revista da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras*, Campo Grande, n. 1, p. 14, 2003. Disponível em: <<http://www.acletrasms.com.br>>.

Épica tem sido, desde o alvorecer, a *história* do território correspondente ao atual Mato Grosso do Sul. Atravessado, em muitas direções, nos séculos 16, 17 e 18, por aventureiros e, posteriormente, por bandeirantes, só pouco antes da metade do século 19 é que começou a ser colonizado; cobiçado e disputado pelo vizinho Paraguai, viveu, com a colonização, uma fase de sobressaltos e insegurança pela constante ameaça de invasão e ocupação pelas forças paraguaias, o que se concretizou com a guerra do Paraguai (1864-1870), em que parte da campanha – por certo a mais heróica – se realizou em terras hoje sul-mato-grossenses. Acrescente-se que sempre houve, nesta área, tropelias e movimentos armados. A Coluna Prestes atravessou-a em 1925; em 1932, ocorreu a revolução constitucionalista, de que resultou a efêmera emancipação do sul de Mato Grosso uno. Infelizmente, *esta tradição* é ainda pouco conhecida. A Academia Sul-Mato-Grossense de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul têm incentivado a pesquisa da história do Estado e, dentro de suas conhecidas limitações, buscam divulgá-la. (CAMPESTRINI, 1988, p. 5, grifos meus).

A *história* publicada pelos *homens de letras* de Mato Grosso do Sul tem uma intenção objetiva de convencionar uma *tradição*, ou seja, eles tentam “recuperar fatos” para entrarem no *culto da história*, difundindo, em seus escritos, acontecimentos belicosos, aguerridos, combativos e audaciosos, com o desígnio de divulgarem os antepassados sul-mato-grossenses como valentes, corajosos, destemidos, temerários e patrióticos. Além disso, afirmavam que as famílias “pioneiras” conquistaram e povoaram esse território com muita luta e persistência, já que havia constantemente ataques de “índios selvagens”; desse modo, os intelectuais silenciam as comunidades indígenas e, quando estas aparecem em suas narrativas, são como empecilho ao desenvolvimento do progresso e da civilização; os índios são denominados de “selvagens” e “invasores” das terras, e não ao contrário.

O livro de José Barbosa Rodrigues, *História de Mato do Grosso do Sul*, editado em 1985, aborda, no primeiro capítulo, *Antes de ser português, Mato Grosso do Sul foi espanhol*; dividido em diversas partes, relata o período dos colonizadores espanhóis como elemento integrante da história do estado de Mato Grosso do Sul.

Na visão de José Barbosa Rodrigues,⁸ é impossível separar a herança espanhola da *história regional*, uma vez que os primeiros devassadores brancos do estado de Mato Grosso do Sul estavam a mando da Coroa Espanhola.

⁸ José Barbosa Rodrigues (Poços de Caldas, MG, 1916 - Campo Grande, 2002). Jornalista e historiador. Presidente da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras no período de 1985 a 1988. Membro da Academia Brasileira de História. Ocupou a Cadeira de n.º 13 da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras. É agraciado como Patrono da Cadeira de n.º 18 do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. Obras publicadas: *Palavras de um professor - discursos* (1949), *Mato Grosso do Sul para a 3ª série do I grau* (1978), *Campo Grande Meu Amor*, (1978), *Isto É Mato Grosso do Sul* (1978), *História de Campo Grande* (1980), *Histórias da Terra Matogrossense* (1983) e *História de Mato Grosso do Sul* (1985). Ver mais, *Revista da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras*, Campo Grande, v. 1, p. 81-87, set. de 2004. Disponível em: <<http://www.ihgms.com.br/>>.

A verdade, a grande verdade é que antes de ser possessão portuguesa, o interior brasileiro, principalmente Mato Grosso do Sul, foi possessão espanhola. Justo é, portanto, que conheçamos a história, ainda que sucinta, do *Adelantazgo do Rio da Plata*, ao qual estivemos sujeitos antes que os mamelucos de Piratininga aqui chegassem, conduzidos pelos conquistadores portugueses. (RODRIGUES, 1985, p. 35-36, grifos do autor).

José Barbosa Rodrigues procura *diferenciar*, em suas narrativas, a história de Mato Grosso do Sul da história de Mato Grosso (ou seja, dos cuiabanos ou nortistas). A história de Mato Grosso, escrita pelos *homens de letras*, destaca a fundação de Cuiabá, na primeira metade do século XVIII, com a partida de inúmeras bandeiras provenientes de São Paulo, com o objetivo de “prear” índios para escravizar. José Barbosa Rodrigues afirma que Mato Grosso do Sul foi primeiramente devassado pelos espanhóis, no início do século XV. Desse modo, o presidente da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras ressalta a importância desse fato para os historiadores:

Assim é que, para os estudiosos da nossa *historia regional*, torna-se impossível separar política e administrativamente as duas regiões. Conseqüentemente, a história do *Adelantazgo ou da Província do Rio de La Plata* é a mesma de Mato Grosso do Sul. Os primeiros povoadores do Paraguai são os primeiros devassadores do nosso Estado. As terras sul mato-grossenses e a dos guarani devem ser consideradas como irmãs gêmeas, umbilicalmente unidas, união essa de liames muito mais fortes que aqueles que nos legaram a *gente cuiabana* ou *norte-matogrossense*. (RODRIGUES, 1985, p. 35, grifos meus).

Para José Barbosa Rodrigues, a herança guarani-espanhola é muito mais forte para a história de Mato Grosso do Sul do que a história dos *cuiabanos* ou *nortistas* mato-grossenses. O autor chama a atenção dos *historiadores modernos* para, “[...] sempre que possível, reconhecer e proclamar a existência dessa ligação histórica” (RODRIGUES, 1985, p. 35).

Nesse sentido, o autor enfatiza que *os primeiros povoadores do Paraguai são os primeiros devassadores do nosso estado*; assim, a história de Mato Grosso Sul é diferente *da gente cuiabana* ou *norte-mato-grossense*, já que a população branca do Sul de Mato Grosso foi, inicialmente, governada pelos Adelantados.⁹ Por isso, o autor solicita, aos novos historiadores de Mato Grosso do Sul, contemplarem, em suas escritas, *o legado natural dos espanhóis*. Para o presidente da ASL, José Barbosa Rodrigues, os territórios de Mato Grosso do Sul e do Paraguai *devem ser considerados como irmãs gêmeas, umbilicalmente unidas*.

⁹ Adelantados. Unidades Administrativas. Cargos pessoais de confiabilidade da Coroa Espanhola para administrar as regiões conquistadas, em caráter hereditário.

Segundo José Barbosa Rodrigues: “A História de Mato Grosso do Sul tem o seu início nos primeiros anos após a descoberta do Brasil, com o malogro da expedição de Juan Diaz de Solís em 1516” (RODRIGUES, 1985, p. 29). O autor explica que os expedicionários espanhóis, em uma missão de interesse da Coroa Espanhola, procuravam um ponto de união entre o oceano Atlântico e o Pacífico. Nessa viagem, encontraram, no sul do continente americano, um enorme estuário, “[...] mais tarde denominado Rio de La Plata. Desembarca na costa do atual Uruguai, onde sucumbe vítima dos índios da região” (RODRIGUES, 1985, p. 29). Em retorno a Espanha, um dos barcos da expedição naufragou próximo ao litoral de Santa Catarina, quando onze tripulantes se salvam, e “[...] são acolhidos pelos índios guaranis, senhores da região” (RODRIGUES, 1985, p. 29).

De acordo com José Barbosa Rodrigues, os espanhóis foram abrigados pela comunidade guarani e, no convívio de oito anos com esses povos, conseguiam se comunicar e se informar sobre os adereços de prata que os índios possuíam, além do caminho para encontrar as minas de prata.

José Barbosa Rodrigues, em sua narrativa, realça o europeu Aleixo Garcia com seu *dom de literatura*, de convencer e de entusiasmar as pessoas; assim, com a sua liderança, conseguiu *seduzir* os índios da região em busca da *serra da prata*, organizando uma expedição com dois mil homens.

Dessa maneira, Aleixo Garcia, em 1524, foi o primeiro branco a cruzar o solo sul-mato-grossense, segundo José Barbosa Rodrigues que na sua narrativa elucida em nota de rodapé (onde cita Roberto Southey), a definição da palavra guarani, *ava'án etá* (pátria das almas dos homens), descrevendo que, “os indígenas acreditavam na existência de regiões muito ricas em alimentos, verdadeiros paraísos, onde o milho e as maçãs (sic) cresciam em abundância, raízes de que os naturais faziam vinho; onde peixe e carne andavam a rodo, e as ovelhas eram do tamanho de mulas” (RODRIGUES, 1985, p. 29). Com a crença dos guarani no *ava'án etá* facilitou para Aleixo Garcia organizar uma expedição com dois mil homens da comunidade guarani para encontrar o caminho das pratas. Para José Barbosa Rodrigues o europeu também *deixou-se levar* pela fascinação do *auri sacra fames*, ou melhor, Aleixo Garcia tinha fome por ouro, por riquezas fabulosas que prometiam a nova terra.

Nessa viagem, descreve José Barbosa Rodrigues, a expedição trilhou um caminho conhecido como Peabiru:¹⁰ “[...] este trilheiro tinha oito palmos de largo e ligava o Atlântico, desde as praias do atual Estado de Santa Catarina, ao Rio Paraná, de onde bifurcava-se para o território de Mato Grosso do Sul e para a região de Lambaré (Paraguai)” (RODRIGUES, 1985, p. 30). Portanto, para o autor, o europeu Aleixo Garcia merece a *glória de ser o descobridor* desse território.

José Barbosa Rodrigues faz questão de registrar as administrações do governo espanhol colonial, dos Adelantados, como parte da história de Mato Grosso do Sul, ao referenciar, por exemplo, o Puerto de Nuestra Señora de la Candelaria (atual município de Corumbá). Desse modo, para ele, iniciava-se a presença definitiva da gente espanhola em terras da América do Sul, principalmente nos rios da Bacia do Prata e, especialmente, no Rio Paraguai.

Assim, José Barbosa Rodrigues, deixa bem evidente, em sua narrativa que o povoamento branco no território de Mato Grosso do Sul foi, primeiramente, realizado pelos espanhóis. Igualmente, destaca a gestão de Domingo Martinez de Irala,¹¹ que governou o Adelantado por dois períodos, de 1539 a 1542 e de 1544 a 1556. O autor enfatiza inúmeras realizações da administração do Adelantado espanhol, em sua narrativa, o “progresso civilizatório” do governo de Domingo Martinez Irala em Assunção, no século XVI. Cita, como exemplos, a construção de estaleiros, a fundação de ferraria, fortes, portos, a edificação da Igreja da Catedral de Assunção e o estabelecimento de *encomiendas*.¹² O autor descreve, assim, o “desenvolvimento” realizado pelos espanhóis, principalmente na bacia do Rio Paraguai. Afirma, ainda, o autor, em nota de rodapé (4), o *incentivo* de Domingo Martinez de

¹⁰ Uma rede de caminhos indígenas, segundo José Augusto Colodel: “[...] partindo da Capitania de São Vicente, em São Paulo, essa vasta rede de caminhos que possuía uma direção geral Leste-Oeste, atravessava todo o território paranaense indo dar no rio Paraná na altura da foz do rio Piquiri. Saindo do atual território brasileiro, ele cortava o Chaco paraguaio até chegar aos planaltos peruanos e dali ao Oceano Índico” (COLODEL, 2006, p 4). Ver COLODEL, José Augusto. *Portugueses, espanhóis e indígenas: os conflitos pela posse da Região Oeste* manifestam-se desde cedo. Cascavel: Assoeste, 1988.

¹¹ Na visão de José Augusto Colodel, as qualidades administrativas de Domingo Martinez Irala logo se fizeram sentir: “Enérgico, organizado e inflexível em suas decisões, deu início a todo um trabalho de melhorias nos núcleos urbanos que sobreviveram aos ataques indígenas, quais sejam: Buenos Aires, Corpus Christi e Boa Esperança. Usando de métodos violentos logrou impor rígida disciplina. Consolidou na ponta da lança tanto a lei como as ordens espanholas. Com os poucos soldados que tinha sob o seu comando jamais teria conseguido atingir aos seus intentos. Para tanto, contou com a ajuda inestimável dos guerreiros da nação Guarani, que a ele aliaram-se porque estavam envolvidos em mais de uma das suas incontáveis guerras com as tribos vizinhas” (COLODEL, 2006. p 4).

¹² A *encomienda* foi um sistema criado pelos espanhóis, e consistia na exploração de um grupo ou comunidade de indígenas por um colono, a partir da concessão das autoridades locais, enquanto o colono vivesse. Em troca, o colono deveria pagar um tributo à metrópole e promover a cristianização dos indígenas. Dessa forma, o colono de origem espanhola era duplamente favorecido, na medida em que se utilizava da mão de obra e ao mesmo tempo, impunha sua religião, moral e costumes aos indígenas.

11

Irala para que os espanhóis se relacionassem com as índias: “*Dizem as crônicas da época que Irala uniu-se a sete mulheres indígenas, assim incentivando os colonos*” (RODRIGUES, 1985, p. 38, grifos meus).

Oculto José Barbosa Rodrigues, em suas narrativas, que os adelantados espanhóis foram violentos e sanguinários; nesse sentido, existe uma transmutação de adjetivos: troca-se “*estuprar*” por “*incentivar*”. Na verdade, o estabelecimento de encomiendas foi uma forma de controlar os indígenas em benefício da Coroa Espanhola.

Não foi nada pacífica a conquista de terras na Bacia do Prata para a Coroa Espanhola; segundo José Augusto Colodel, as comunidades indígenas combateram os invasores e, muitas vezes, conseguiram expulsá-los de suas moradias.

A conquista das terras do Prata não se dava de maneira pacífica, embora os primeiros contatos entre as tropas de João Ayolas e os índios tivessem sido relativamente pacíficos. Os espanhóis logo abandonaram a política da boa vizinhança e passaram a investir brutalmente sobre as tribos indígenas, utilizando-se para tanto de métodos sanguinários. Aldeias eram completamente destruídas pela passagem dos espanhóis. Os homens eram assassinados e as mulheres violentadas. Nem mesmo as crianças eram poupadas. Os naturais da terra se revoltaram e passaram a combater desesperadamente os invasores de além mar. Não demorou muito para que todas as povoações fundadas pelos espanhóis sofressem o assédio belicoso dos indígenas. Muitos dos seus habitantes foram mortos e o restante teve que se abrigar em Buenos Aires. O próprio Ayolas foi vitimado pela violência que trouxe para a região. Foi emboscado e morto em terras paraguaias. (COLODEL, 2006, p. 7).

É importante salientar que a ação colonizadora espanhola foi responsável pela destruição e desestruturação das comunidades indígenas, quer pela força das armas contra aqueles que defendiam seu território, quer pela exploração sistemática do trabalho, ou ainda através do processo de aculturação, promovido pelo próprio sistema de exploração e pela ação catequética dos missionários católicos.¹³ Sem contar que o processo colonizador foi violento e genocida.

Os habitantes do continente americano foram, nesses séculos de colonização e, infelizmente, continuam, até hoje, submetidos a um verdadeiro extermínio pelos conquistadores assassinos europeus, tanto físico, o chamado *genocídio*, como o cultural, o *etnocídio*, ou seja, o desaparecimento forçado de parte de seus hábitos, religiões, tecnologia, línguas, etc.

¹³ Na visão do historiador José Carlos Ziliani, “[...] os católicos detentores da hegemonia colonizadora arrogavam-se racionais, virtuosos e superiores, enquanto que aos outros – os índios – recaiam conceitos de bárbaros, espíritos inferiores, incapazes de religiosidade e, em última instância, incapazes de civilização. Esses argumentos serviram de justificativas para a escravização e espoliação” (ZILIANI, 2000, p. 57, grifos meus).

As conquistas (ou roubo) das terras americanas, por parte dos europeus, não foram feitas pacificamente, mas com uma violência sem precedentes, já que destruíram nações inteiras, em uma humilhação social e cultural cujas conseqüências podem ser percebidas até os dias de hoje. Portanto, a violência, o terror e o extermínio dominaram toda a história colonial, imperial e republicana brasileira e, conseqüentemente, mato-grossense e sul-mato-grossense.

A história dos “colonizadores”, entendida como ética de partilha de valores culturais, foi construída brutalmente e na dependência direta da sedimentação de esquecimentos e lembranças atualizados pela escrita da história.

Quanto à *história* de Mato Grosso do Sul, José Barbosa Rodrigues vai recuperar alguns momentos do passado que necessitam ser lembrados e que devem entrar na construção de uma tradição. Entre os eventos e feitos do passado histórico, ele recupera os primitivos habitantes (os índios como de índole dócil); o governo dos Adelantados (os espanhóis como os *descobridores* de Mato Grosso do Sul); os jesuítas (que garantem a presença do catolicismo na formação do Brasil); as monções e as bandeiras (conquistadores das riquezas mato-grossenses e da formação do herói como símbolo de brasilidade); a Guerra do Paraguai e a Retirada da Laguna (que valorizam o espírito militar e a coragem das famílias pioneiras sul-mato-grossenses); a extração da erva-mate (a pujança do poder econômico e o monopólio de terra controlada pela empresa Mate Laranjeira); a estrada de ferro (o desenvolvimento da região sulista); a migração gaúcha (como trabalhadores e conhecedores da agropecuária); o movimento divisionista (como um século de lutas); o nascimento do estado de MS (como uma conquista dos divisionistas).

Portanto, a *história* divulgada por meio de obras publicadas pelo Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul (IHG-MS) e pela Academia Sul-Mato-Grossense de Letras (ASL)¹⁴, em suas narrativas, privilegia os pioneiros (brancos, portugueses, espanhóis e as famílias tradicionais), na medida em que eleva suas conquistas pelas Guerras e combates ocorridos no passado em territórios de Mato Grosso do Sul.

A *história* divulgada sobre o estado de Mato Grosso do Sul é realizada por *idealistas isolados*, segundo a sócia da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, Enilda Mongenot

¹⁴ São publicados pelos sócios fundadores da ASL e do IHG-MS, no período de 1978-1988: MARTINS, Demosthenes. *A poeira da jornada*. Campo Grande: Alvorada, 1980; PONTES, José Couto Vieira. *História da Literatura Sul-Mato-grossense*. São Paulo: Editora do Escritor, 1981; GOMES, Otávio Gonçalves. *A poesia de Mato Grosso do Sul*. Brasília: Resenha Tributária, 1984; RODRIGUES, José Barbosa. *Isto é Mato Grosso do Sul* (1978), *História de Campo Grande* (1980), *Histórias da Terra Matogrossense* (1983) e *História de Mato Grosso do Sul* (1985). No período de 1988-1996, publica-se a Coleção Historiográfica (14 títulos) patrocinada pelo Tribunal de Justiça (TJ-MS). Período de 2002-2006, publicação regular da Revista da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras (com dez edições até agosto de 2006). Igualmente, inúmeros livros são publicados sobre a literatura e a historiografia de MS, por meio de convênios com a prefeitura de Campo Grande, universidades e projetos de incentivo à cultura estadual, como o Fundo de Investimentos Culturais (FIC/MS).

13

Pires,¹⁵ em *Boa História Sobrevive da Simplicidade*, artigo publicado na Revista da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, n.º 05, em setembro de 2004, que assinala:

A divulgação da história sul-mato-grossense e sua importância para o desenvolvimento econômico, social e político tem sido feita, salvo honrosas exceções, por idealistas isolados, muitos dos quais folcloristas, poetas e jornalistas. Um deles é o jornalista J. Barbosa Rodrigues, tanto que entrou na Academia Brasileira de História. Hélio Serejo, Raquel Naveira e Paulo Coelho Machado também têm olhos na história. As Guerras do Paraguai e do Contestado estão presentes na poesia de Raquel; alguns livros de Hélio Serejo narram a história do mundo bruto da erva-mate. Paulo Coelho Machado é um clássico que escreve sobre as memórias da terra. (PIRES, 2004, p. 81).

Nesse artigo, Enilda Mongenot Pires destaca o livro *Mato Grosso do Sul para a 3.ª série do I grau*, do jornalista e historiador do IHG e da ASL, José Barbosa Rodrigues, como uma obra de fundamental importância para os alunos aprenderem sobre a História de Mato Grosso do Sul: “Foi publicado em 1978, com a finalidade de oferecer subsídios à disciplina de Estudos Sociais. Percebe-se ao longo de suas páginas uma preocupação com a clareza, uma legítima aspiração à comunicação imediata com os estudantes” (PIRES, 2004, p. 81).

Para a acadêmica Enilda Mongenot Pires, o livro contém informações sobre a história de Mato Grosso do Sul, com uma leitura de fácil entendimento, já que

[...] o formato é de um livro pequeno, com poucas páginas impressas que se tornam atraentes pela relação com a localização, superfície, população, clima, relevo do solo, bacias e rios principais, divisão territorial, cidades principais, riquezas naturais, vegetação, pecuária, agricultura, indústria, usinas hidrelétricas, meios de comunicação, meios de transporte e turismo, sobre o Estado que acabava de nascer. (PIRES, 2004, p. 82).

A autora elogia a forma como o historiador do IHG-MS e da ASL, José Barbosa Rodrigues, publicou esse livro, “[...] em séries curtíssimas, talvez fossem coisas óbvias para um estudioso da cultura regional, contudo para os estudantes era uma chance de se aproximar das terras formadas pelo Novo Estado” (PIRES, 2004, p. 82). Enilda Mongenot Pires assinala que a obra de José Barbosa Rodrigues mostra, de forma clara e com fotos (especialmente para os estudantes), os fatos ocorridos em 1977, além de apresentar relatos exclusivos sobre a divisão:

¹⁵ PIRES, Enilda Mongenot. Boa história sobrevive da simplicidade. *Revista da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras*, Campo Grande, n. 5, v. 1, p. 81-94, set. 2004. Um breve currículo: “Enilda M. Pires nasceu em Aquidauana (MS) em 1949. Professora universitária (UFMS). Autora de *Fronteiras da Crítica*, *a Geometria do Espaço Temporal do Romance* e *Avalovara de Osman Lins*” (*Revista da ASL*, 2004, p. 81). A acadêmica ocupa a cadeira de n.º 5 da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras (ASL).

Apresentado em estilo didático, é uma espécie de materialização técnica dos fatos sul-mato-grossenses daquele ano de 1977. Em especial o desmembramento da área territorial de Mato Grosso, que tem existência legal desde 11 de outubro de 1977, quando o presidente Ernesto Geisel sancionou a lei e o criou conforme a foto logo abaixo apresentada. Uma produção simples, mas é uma forma de estar junto, de informar, difundir com rapidez. É reveladora, como exemplo, desse processo, a dimensão narrativa do francês Fernand Braudel. Foi o historiador do século 20 que mais tentou desnarrativizar a história. Naquele ano, o que mais preocupava **Barbosa Rodrigues** eram os danos que a falta de informação direta, interativa, coletiva, podia causar. “Seria incompreensível”, escrevia ele em sua nota introdutória, “que os alunos dessa série continuassem estudando o que há sobre o antigo Mato Grosso, deixando de conhecer o novo Estado. [...] Uma oportunidade de se ver uma das mais notáveis obras da arquitetura e engenharia brasileiras contemporâneas – a ponte sobre o rio Paraguai. Um microtexto fala da mansidão de suas águas: “o rio Paraguai desliza mansamente pela superfície pantaneira ajudando a construir a riqueza de Mato Grosso do Sul.” Concentrado nas belezas das águas prateadas do rio Paraguai, **Barbosa Rodrigues** lembra que elas são a marca legítima de um mesmo ideal político. Pontes e águas pulsam na superfície de terras internacionais, criando uma unidade fragmentada que a todo momento é refletida diante de nós. É impressionante a tensão formada pelo contraponto de metais que vibram inteiros nas faces abertas e fortes da estrutura de volumes ociosos. Contemplá-las, passar por seus contornos exatos, é reviver um novo pensamento arquitetônico, e afeito à luz e à razão, signo da nova era que se instaurava. O todo está em sintonia com os preceitos arquitetônicos, modernos. (PIRES, 2004, p. 81;84, grifos da autora).

O elogio feito pela acadêmica da ASL, Enilda Mongenot Pires, em comparar “a dimensão narrativa do francês Fernand Braudel” com o historiador do IHG-MS e da ASL, José Barbosa Rodrigues, revela o exagero na análise da autora, pois o livro de José Barbosa Rodrigues, muito pelo contrário, privilegia, em suas narrativas, os “grandes acontecimentos”. Portanto, o que o autor escreve é uma história dos “vencedores”, por isso mesmo **não** “tentou desnarrativizar a história”, realizando uma narrativa tradicional e eurocêntrica.

O historiador Barbosa Rodrigues costuma dizer algo que sempre me pareceu muito produtivo e original e que, sem dúvida, foi usado na construção de sua própria obra. Explica que “a história tem estrutura de folhetim, quando vista em seu dia-a-dia”. Ele conseguiu captar a segmentação dramática, implícita da vida na História. Mas há outro ponto sobre o qual o escritor disse algo que, na minha opinião, pode ser útil para a compreensão dessa ciência. O historiador convoca fatos extraordinários, lutando contra tensão e dramas profundíssimos. “E isso é muito atraente”, confessa o escritor. O passado histórico gera muita resistência, mas também muita atração. (PIRES, 2004, p. 82).

Enilda Mongenot Pires considera José Barbosa Rodrigues um grande historiador do estado de Mato Grosso do Sul; a autora o compara até mesmo com o historiador francês George Duby, dizendo o quanto suas obras são especiais para a historiografia de MS:

Aos 82 anos, autor de vários livros, Barbosa Rodrigues foi o responsável por um dos “*ossos*” da empreitada. José Couto Vieira Pontes lembra que ele editou a primeira

obra a respeito dos nossos fatos históricos, “abordando desde os primórdios da colonização até os governos dos nossos dias” (Correio do Estado - 30-3-96). Para reencontrar essa história, catalogá-la e dividi-la em capítulos, levou vários anos de pesquisa. Vieira Pontes ressalta nesse artigo duas importâncias fundamentais em Barbosa Rodrigues: a primeira foi ter mudado a forma de estudar a história – não a restringindo a aspectos políticos ou econômicos e, jogando luz sobre questões cotidianas, que nunca receberam o selo de cultura legítima. O segundo aspecto foi ter popularizado a história. Isso se refere à dimensão literária de sua obra, sobre a consciência que a história não tem apenas uma dimensão científica. Está muito próxima de um gênero literário. Como o historiador francês George Duby (falecido em 3/12/96), ele situa a história entre ciência e literatura. Duby, um dos mais renomados historiadores franceses da nova geração, está para a Idade Média como Barbosa Rodrigues está para a história sul-mato-grossense. (PIRES, 2004, p. 82).

As obras publicadas pelo historiador do IHG-MS e da ASL, José Barbosa Rodrigues, não mudaram a forma tradicional de se escrever a história. Percebe-se claramente que, em sua narrativa, são privilegiados os aspectos políticos e econômicos do poder. O autor sempre enaltece os “ditadores” (os Adelantados) como povoadores de uma civilização e, sendo assim, escreve uma história linear e determinista. Também em suas obras não foi “popularizada a história” e, muito menos, se aproxima de um gênero literário.

O estudo da história pode servir a inúmeras finalidades, sobretudo para engrandecer a vida de gente poderosa, rica, para condecorar discursos, realçar datas importantes, honrar famílias “pioneiras”, políticos e artistas, aliados ao poder de mando político e cultural do estado. Assim, os *homens de letras* criam mitos, heróis, datas comemorativas, símbolos, conforme os interesses das elites sul-mato-grossenses, além de silenciar sobre as comunidades indígenas, dos trabalhadores paraguaios e principalmente de afro-descendentes.

Para a constituição de uma *história* própria sul-mato-grossense, é preciso lembrar que isso envolve diversos embates simbólicos pela apropriação dos eventos do passado, tanto os que devem ser lembrados bem como os que devem ser esquecidos.

A *história* publicada pelos *homens de letras* de Mato Grosso do Sul tem uma intenção objetiva de convencionar uma *tradição*, ou seja, eles tentam “recuperar fatos” para entrar no *culto da história*, difundindo acontecimentos belicosos, com o desígnio de divulgarem os antepassados sul-mato-grossenses como valentes, corajosos, destemidos, temerários e patrióticos. Nesse sentido, a *tradição* divulgada pelos *homens de letras* de MS é carregada de ideologias, já que enaltece os fazendeiros como benfeitores do *progresso* e da *civilização*, bem como os *defensores* e *guardiões da fronteira*, além de serem os protagonistas da *divisão do estado* e da *criação do MS*.

Tanto o IHG-MS como a ASL são espaços de poder simbólico de fundamental importância para a criação de identidades sul-mato-grossenses, para a fomentação da cultura

16

regional de Mato Grosso do Sul, assim como pela divulgação periódica de artigos, crônicas, em sites e jornais locais de MS, articulam publicações de cunho regional.

A ASL e o IHG-MS, enquanto espaços de poder são também espaços de conflitos simbólicos, disputas por cargos, por indicações de patronos, por publicações, medalhas, prêmios; não há univocidade, esses espaços são marcados por luta pelo poder, de grupos ou até mesmo individual. Mas é importante ressaltar, pelo menos até o momento estudado (1978-1988), que não há divergência em construir uma história própria que represente os antepassados sul-mato-grossenses como valentes, destemidos, defensores de suas terras e consequentemente do Brasil.

Vale a pena ressaltar que as criações de uma “identidade sul-mato-grossense” não são construções apenas dos intelectuais membros dessas instituições. Igualmente, mobilizam-se múltiplos elaboradores culturais, destacando-se os artistas plásticos, intelectuais, professores, políticos, escritores, pesquisadores, filólogos, turismólogos, ecólogos, comunicólogos, arqueólogos, antropólogos, literatos, jornalistas, historiadores, poetas, cantores, compositores, atores, cineastas, editores, publicitários, *designers* gráficos, cartunistas, dançarinos, promotores de eventos entre tantos outros que se encarregam, também, de criar identidades sul-mato-grossenses.

Porém, neste tema, limitei-me a observar as relações dos *homens de letras* com o poder constituído e parte das obras publicadas por meio do IHG-MS e da ASL, consciente de que existem muitas fontes sobre essa temática, edificadas em múltiplos olhares, desempenhadas cotidianamente por diversos artistas, escritores e pesquisadores. Espero que o tema proposto possa instigar novas pesquisas ou contribuir para debates acerca da História e da Literatura nos meandros do poder.

REFERÊNCIAS:

- BITTAR, Marisa. *Mato Grosso do Sul: do estado sonhado ao estado construído (1892-1997)*. 2v. Tese (Doutorado em História Social) – FFLCH/USP, São Paulo, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. Lisboa: Difel, 1989.
- CAMPESTRINI, Hildebrando. *Artes e Cultura em Campo Grande*. Campo Grande: FUCMAT, 1976. 82 p.
- CAMPESTRINI, Hildebrando. Pequeno histórico da Academia. *Revista da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras*, Campo Grande, n. 1, 2003. Disponível em: <<http://www.acletrasms.com.br>>. Acesso em: 25-03-2004.
- CAMPESTRINI, Hildebrando; GUIMARÃES, Acyr Vaz. *História de Mato Grosso do Sul*. 2. ed. Campo Grande: Assembléia Legislativa de Mato Grosso do Sul, 1991.
- CHARTIER, Roger. História intelectual e História das Mentalidades: uma dupla reavaliação. In: _____. *A História Cultural entre práticas e representações*. Lisboa, Difel, 1990.
- CHAUÍ, Marilena. *Brasil: Mito fundador e sociedade autoritária*. 4. ed. São Paulo: Perseu Abramo, 2000.
- CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 1996.
- COLODEL, José Augusto. *Portugueses, espanhóis e indígenas: Os conflitos pela posse da Região Oeste manifestam-se desde cedo*. Cascavel: Assoeste, 1988.
- GOMES, Otávio Gonçalves. *A Poesia de Mato Grosso do Sul*. Brasília: Resenha Tributária, 1984.
- GOMES, Otávio Gonçalves. *Discurso do Presidente da Academia, Dr. Otávio Gonçalves Gomes*. In: CADEIRA n.º 40. Posse do Acadêmico Lenine de Campos Póvoas. Campo Grande: Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, 1987.
- GOMES, Otávio Gonçalves. *Saudando o novo Acadêmico*. In: ELPÍDIO Reis na cadeira n.º 29. Rio de Janeiro: Folha Carioca Editora Ltda, 1982.
- GUIMARÃES, Acyr Vaz de. *Seiscentas léguas a pé: A Campanha do Apa*. Campo Grande, MS: Tribunal de Justiça de Mato Grosso do Sul, 1988. (Série historiográfica).

- GUIMARÃES, Acyr Vaz. *A Guerra do Paraguai: suas causas (1832-1864)*. Campo Grande: UCDB, 2000.
- GUIMARÃES, Acyr Vaz. *Mato Grosso do Sul: sua evolução histórica*. Campo Grande, MS: UCDB, 1999.
- GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. Nação e civilização nos trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma História Nacional. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 5-27, 1988.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Org. e apres. de Liv Sovik. Trad. de Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG/UNESCO, 2003.
- HOBSBAWM, Eric. *Nações e nacionalismo desde 1780: Programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- LE GOFF, Jaques. *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.
- MARTINS, Demosthenes. *A poeira da jornada*. Campo Grande : Alvorada, 1980.
- MACHADO, Paulo. *A rua principal: Pelas ruas de Campo Grande*. Campo Grande: Tribunal de Justiça de Mato Grosso do Sul, 1991. (Série historiográfica).
- MACHADO, Paulo Coelho. *A rua velha*. Campo Grande: Tribunal de Justiça de Mato Grosso do Sul, 1990.
- MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. *Literatura e poder em Mato Grosso*. Brasília: Ministério da integração Nacional, 2002. (Coleção Centro-Oeste de Estudos e Pesquisas).
- MARTINS, Demosthenes. *Campo Grande: Aspectos Jurídicos e políticos do Município*. Campo Grande, MT: Alvorada, 1972. 62 p.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *A representação ficcional do Rio Grande do Sul na obra de Cyro Martins*. Disponível em: <http://www.celpecyro.org.br/represFiccional_RS.php>. Acesso em: 15 jul. 2003.
- PIRES, Enilda Mongenot. Boa história sobrevive da simplicidade. *Revista da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras*, Campo Grande, n. 5, v. 1, p. 81-94, set. 2004.
- PONTES, José Couto Vieira. *História da Literatura Sul-Mato-grossense*. São Paulo: Editora do Escritor, 1981.
- PONTES, José Couto Vieira. In: SERRA, Ulisses. *Camalotes e Guavirais*. Campo Grande: TJ-MS, 1989.
- QUEIROZ, Paulo Roberto Cimó. *Divisionismo e "identidade" mato-grossense e sul-mato-grossense: Um breve ensaio*. CPDO-UFMS, Maio de 2005. 25 p. (mimeo).
- REIS, Elpídio. *Academia: Jubileu de Prata*. Campo Grande: ASL, 1996.
- REIS, Elpídio. In: GUIMARÃES, Acyr Vaz de. *Seiscentas léguas a pé: A Campanha do apa*. Campo Grande : TJ-MS, 1988. (Série historiográfica).
- RODRIGUES, José Barbosa. *História de Mato do Grosso do Sul*. São Paulo: Editora do Escritor, 1985.
- RODRIGUES, José Barbosa. *Isto é Mato Grosso do sul: Nasce um estado*. São Paulo: Vaner Bicego, 1978. 141 p.
- SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças: Cientistas, instituição e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. (Capítulo 4: Os institutos históricos e geográficos "Guardiões da História Oficial", p. 99-117).
- ZILIANI, José Carlos. *Tentativas de construções identitárias em Mato Grosso do Sul (1977-2000)*. Dissertação (Mestrado) – UFMS, Dourados-MS, 2000.

FONTES INTERNET

- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS (ABL). Disponível em: <<http://www.academia.org.br>>.
- ESTATUTO do IHGMS. p. 1. 2003. Disponível em: <<http://www.ihgms.com.br>>. Acesso em: 25 mar. 2003.
- <http://www.acletras.ms.com.br>
- <http://www.camaraonline.ms.gov.br/sec.htm?cont=historia>
- <http://www.ihgms.com.br/>
- <http://www.literaturanews.com.br>
- <http://www.ucdb.br>.
- <http://www.uems.br>.
- <http://www.ufms.br>.
- <http://www.ufgd.edu>.